



CARTA DO GESTOR

Fevereiro/2022

## Comentário Macroeconômico

Os eventos internacionais dominaram o cenário ao longo do mês de fevereiro. O noticiário sobre as tensões entre Rússia e Ucrânia foi uma fonte permanente de volatilidade ao longo do mês e culminou na maior operação militar em solo europeu dos últimos anos. Adicionalmente, a aproximação do início da alta de juros pelo FED aumentou a especulação sobre o ritmo e a extensão do ciclo, também afetando os mercados. Com tanto ruído no cenário internacional, os problemas locais se tornaram secundários ao longo do mês.

O FED deverá dar um importante sinal sobre as suas intenções na reunião de março. Nessa ocasião, além dos comunicados, será divulgado o *dot chart* — gráfico com a previsão (anônima) de juros de cada membro do FED, onde cada diretor é representado por um ponto. Acompanhamos detalhadamente os discursos de cada membro do FED entre as reuniões para inferir qual deve ser o resultado dessa sinalização. No momento, acreditamos que o FED deva sinalizar quatro altas de juros de 25 pontos-base ao longo de 2022. Essa conclusão pode parecer estranha em face do noticiário que anuncia altas de 50 pontos-base e, por vezes, em todas as reuniões até o final do ano. Obviamente, a imprensa dá maior ênfase às fontes fora do consenso. Mas, considerando os discursos recentes dos membros do FED, a sinalização de quatro ou cinco altas de juros parece o mais provável. Adicionalmente, o FED parece querer estar livre para escolher as opções necessárias. Pode subir 50 pontos-base? Pode. Pode subir em toda reunião? Também pode. Mas isso será feito?

Um bom exemplo da diferença entre discurso e prática é a entrevista do diretor do FED de Atlanta, Bostic, no *Financial Times* em fevereiro. As manchetes diziam: “FED pode subir 50 pontos-base em março”. No corpo da notícia, esse diretor dizia que, na visão dele, o mais provável seriam três altas de juros de 25 pontos-base. Mais tarde, ele atualizou sua visão num discurso recente, dizendo que “estava pendendo para quatro altas de 25 pontos-base em 2022.” Esse parece ser o consenso do FED no momento.

Na Europa, as tensões diplomáticas presentes durante todo o mês de fevereiro resultaram na invasão da Ucrânia por parte da Rússia, na maior operação militar em solo europeu nos últimos anos. Além das questões humanitárias envolvidas no conflito bélico, existe a apreensão sobre os efeitos da guerra no mercado mundial de *commodities*, uma vez que a Rússia é importante exportadora de petróleo, gás natural e fertilizantes, e a Ucrânia, de trigo e milho. Embora até o momento não tenha havido perdas materiais de safras ou alteração no comércio das *commodities* energéticas, a probabilidade de materialização desses riscos aumenta proporcionalmente à duração do conflito, podendo alterar de forma significativa o cenário dos preços das *commodities* em nível mundial caso se concretize. O conflito adiciona uma variável a mais na complicada equação do Banco Central Europeu (ECB), que tem se confrontado com seguidas surpresas inflacionárias. Mesmo que o conflito represente um risco para a atividade no continente, devido à possibilidade de interrupção no fornecimento de energia, o ECB deve dar um passo importante na reunião de março no sentido de sinalizar a diminuição dos estímulos monetários na economia.

No Brasil, o grande temor no final de janeiro era a perspectiva de uma PEC para desonerar os combustíveis. A experiência recente mostra que aprovar uma PEC é sempre um risco, porque começaria apenas com os combustíveis, mas inevitavelmente terminaria com a adição da correção

da tabela do imposto de renda, reajuste do funcionalismo e outras demandas de anos eleitorais — por isso, ganhou o apelido de PEC Kamikaze. Felizmente, a ideia da PEC perdeu tração ao longo de fevereiro, e hoje restam apenas alguns projetos de lei que tratam da desoneração dos combustíveis. Esses projetos, no entanto, têm que respeitar a Lei do Teto de Gastos (que não acabou, apenas teve o teto elevado em aproximadamente 1% do PIB), o orçamento aprovado no final de 2021 e, finalmente, a Lei de Responsabilidade Fiscal. Em resumo, independentemente de que venha a ser aprovado, o Tesouro Nacional apenas poderá executar o que está no orçamento de 2021, além de ter de respeitar o novo teto de gastos e o fato de a nova despesa ter que apresentar uma contrapartida em uma nova receita. Com projetos de lei, o potencial de estrago fiscal é mínimo. A experiência de 2021 mostra isso: houve muito ruído fiscal ao longo do ano, e mesmo assim o resultado virou de um déficit primário de -9,3% em 2020 para um superávit primário de +0,75% em 2021.

Finalmente, em março deveremos ter um dos últimos passos do Banco Central nesse ciclo de alta da Selic. De acordo com a comunicação do Banco Central, o mais provável é uma alta de 100 pontos-base na reunião de março e de 50 pontos-base em maio, terminando o ciclo com uma taxa de juros de 12,25%. Se olharmos a taxa de juros de um ano (que inclui as altas nas próximas reuniões) e deflacionarmos pela inflação esperada pelo mercado para os próximos 12 meses, veremos que o Banco Central elevou o juro real de -1% no início do ciclo para cerca de 7% agora. Estima-se que a taxa de juros neutra da economia brasileira esteja entre 3% e 4% real. Esse juro de 7% real é significativamente acima do juro neutro e com certeza já é suficiente para conter a inflação. No entanto, a política monetária opera com defasagens longas, e é possível que o IPCA só volte para dentro da banda em 2023.

Todavia, é possível que a inflação traga algumas surpresas positivas nos próximos meses. O excesso de chuvas dos últimos meses, além das termelétricas ligadas no período chuvoso, fez os reservatórios saírem de um recorde de baixa dos últimos anos para um recorde de alta. Em função disso, é cada vez mais provável que por volta de maio a bandeira tarifária de energia elétrica seja reduzida do seu nível mais alto para amarela ou até mesmo verde. Dependendo do *timing* desse anúncio — início ou meio do mês —, poderemos até mesmo observar um mês com deflação. Além disso, caso a apreciação do real persista, em algum momento começaremos a observar uma pressão baixista do câmbio sobre a inflação. Uma apreciação persistente do real de 10% pode levar a uma queda no IPCA anual em torno de 0,8%.

## Ações

### Estratégia Long Only

Em fevereiro, o fundo Vinci Mosaico obteve um retorno de -0,80% contra +0,89% do Ibovespa. Como destaque positivo, podemos mencionar o bom desempenho de uma de nossas investidas no setor de tecnologia. A companhia performou bem após a apresentação de resultados fortes do último trimestre do ano passado. Apesar de uma inflação alta no último ano, a empresa demonstrou que conseguiu repassá-la para seus clientes, apresentando crescimento de margem no período. Para 2022, acreditamos que o crescimento da companhia permanecerá forte e que sua rentabilidade se ampliará. Portanto, seguimos confiantes com o *case*.

Em contrapartida, nossa investida no setor imobiliário foi a maior detratora do Fundo no mês. As

ações da companhia sofreram por conta, principalmente, da alta das *commodities*, o que pode vir a gerar, em futuro próximo, maior pressão de custos de materiais. Por atuar no segmento de baixa renda, o repasse dos aumentos de custo para os preços é mais desafiador. No entanto, a companhia poderá ser beneficiada por mudanças que estão sendo debatidas no programa Casa Verde e Amarela, como, por exemplo, o aumento dos subsídios.

## Posicionamento

A carteira reflete nossa visão positiva para a Bolsa a médio e longo prazos, refletindo os *valuations* atrativos da Bolsa brasileira. Investimos em uma seleção de empresas bem administradas e rentáveis que negociam com desconto em relação ao seu preço justo. Além disso, nosso portfólio é bem diversificado entre setores e companhias.

Atualmente, nossas maiores exposições estão nos setores de *Commodities*, Bancos e Logística.

## Estratégia Dividendos

Em fevereiro, o fundo Vinci Gas Dividendos obteve um retorno de +1,27% contra +0,89% do Ibovespa. Como destaque positivo, podemos mencionar o bom desempenho de uma de nossas investidas no setor de Mineração. A alta da ação da companhia foi decorrente do aumento significativo do prêmio dos produtos de alta qualidade, resultante dos efeitos do conflito entre Ucrânia e Rússia, países que juntos respondem por cerca de 30% do mercado global de pelotas de minério de ferro. Além disso, o recente discurso do CFO (*Chief Financial Officer*) da empresa, mencionando que a companhia poderá renovar seu programa de recompra, afetou positivamente o preço das ações.

Em contrapartida, uma de nossas investidas no setor de Bancos foi a maior detratora do mês. Os resultados do 4T21 afetaram negativamente a performance de sua ação. O banco apresentou um lucro líquido de acordo com as estimativas de mercado, porém a classificação do prejuízo com a marcação a mercado de títulos como “item não recorrente” foi mal percebida pelos investidores. Além disso, apesar do crescimento do lucro em 2021, os valores ficaram abaixo do esperado pelos analistas, o que prejudicou ainda mais a performance da ação no mês.

## Posicionamento

Vemos o mundo iniciando o processo de redução gradual de liquidez, porém com juros ainda baixos, visando não afetar a recuperação econômica em andamento. No Brasil, acreditamos que o mercado de ações apresente um prêmio alto, refletindo o ajuste do cenário internacional e do início do processo eleitoral no Brasil. Ressaltamos que o *spread* entre o *dividend yield* da carteira e a taxa real de juros continua atrativo.

Atualmente, nossas maiores exposições estão nos setores de *Commodities* e Defensivos Domésticos, tais como os setores Elétrico e de Bancos.

## Multimercado

Vinci Atlas

Os Bancos Centrais das principais economias do mundo continuam a preparar os agentes econômicos para a retirada dos estímulos monetários e o início da alta de juros, fruto das pressões inflacionárias mais disseminadas e permanentes – tendo a invasão da Ucrânia contribuído com essa percepção, pois provocou o aumento dos preços de *commodities* de energia e grãos. Acreditamos que, mesmo com o *fly to quality* provocado pela guerra, o processo de alta de juros nos EUA seja inevitável, e o efeito dessa crise é altista para inflação e, conseqüentemente, para os juros.

No mercado brasileiro, os destaques foram o fortalecimento do real frente ao dólar e a valorização do índice Bovespa, mesmo com a queda sofrida pelo S&P no mesmo período. O aumento das *commodities* agrícolas e do petróleo e as taxas de juros no Brasil mais altas foram os vetores para tal comportamento.

No mês, o Fundo rendeu 0,51%, principalmente por conta de ganhos no real contra o dólar (0,22%) e nos juros *offshore* (0,69%) e perdas em Bolsa local (-0,68%) e *offshore* (-0,24%), além de custos e aplicação do caixa.

Ao longo do mês, diminuimos as posições tomadas nos juros americanos e compradas em real e Bolsa Brasil por conta da guerra. Mantivemos nossa posição comprada em dólar australiano *versus* dólar neozelandês, uma leve posição aplicada em juros reais e nominais no Brasil e um jogo relativo (posições *long short*) de ETFs.

A guerra na Ucrânia tornou o cenário mais difícil em virtude dos vários possíveis desfechos. Pela incerteza, decidimos adotar uma postura mais conservadora, mesmo com cenário de aumento de juros nos EUA ainda predominante, onde acreditamos haver um ponto de entrada melhor.

O Brasil parece em posição favorável, dado o impacto nos preços de *commodities* e juros altos. Mesmo assim, a prudência é a tônica, aproveitando momentos de estresse do mercado para aumentarmos as posições nas quais temos mais convicção.

## Vinci Valorem

O fundo Vinci Valorem obteve ganhos nas posições tomadas em taxas de juros nominais, compradas em títulos públicos ligados à inflação e de *duration* curta e tomadas no FRA de cupom cambial do meio da curva. Por outro lado, perdeu na posição comprada em dólar *versus* real.

O Fundo segue posicionado para um cenário de abertura de juro real em economias avançadas, em especial nos Estados Unidos, que passa por choque positivo de demanda e com mercado de trabalho bastante aquecido, fatores que começam a se refletir na inflação de salários e nas expectativas de inflação.

A inflação, tanto na Zona do Euro quanto nos Estados Unidos, mostra-se mais permanente do que se supunha inicialmente. E os efeitos dos recentes desdobramentos geopolíticos tendem a mantê-la ainda mais pressionada por conta das altas nos preços de *commodities*, em especial as de energia e agrícolas. Se, por um lado, a guerra na Rússia e na Ucrânia aumenta a volatilidade e faz com que os principais Bancos Centrais prefiram esperar novos dados para a condução de suas políticas,

por outro, implica uma inflação mais disseminada e uma necessidade de mais ajuste via política monetária, com os juros possivelmente acima do nível neutro.

O Fundo continua comprado em inflação implícita, via títulos públicos curtos ligados ao IPCA. Além disso, segue tomado em taxas de juros nominais no Brasil, para um cenário de juro mais alto e por mais tempo, de forma a fazer frente aos impactos dos elevados preços de *commodities* agrícolas e de energia no IPCA.

A posição tomada em FRA de cupom cambial com vencimentos em até cinco anos foi levemente aumentada, e a posição comprada em dólar contra real foi reduzida ao longo do mês e fechou fevereiro em 0,8%.

Com cenário de inflação mais pressionada, que pode levar à abertura de juro real em economias avançadas, julgamos ser interessante manter uma carteira com pouca *duration*.

Com o aumento da volatilidade, as posições variaram no mês de forma tática, mudando de tamanho, mas não de direção.

## Previdência

O fundo Vinci Equilíbrio Icatu Previdência, que visa ganho real para preservação de capital, obteve ganhos nas posições compradas em títulos públicos e derivativos ligados à inflação, tomadas no juro nominal e compradas em uma carteira de ações boas pagadoras de dividendos e perdeu na posição comprada em dólar contra o real.

No âmbito internacional, a pressão inflacionária se intensificou, com preços de materiais básicos pressionados após o início do conflito entre Rússia e Ucrânia. A guerra e as sanções dos demais países e empresas afetam a oferta de diversas *commodities*, como grãos, trigo e energia. Nos EUA, a inflação continua a preocupar o Banco Central, que adotou um tom mais duro, indicando uma retirada de estímulos mais acelerada e antecipando o final da recompra de títulos, o início de altas de juros e redução do balanço patrimonial.

No Brasil, os mercados continuaram se beneficiando do fluxo estrangeiro para países emergentes, que estavam com câmbio depreciado e ações descontadas. O Banco Central indicou uma redução no ritmo de alta de juros. Do lado da inflação, apesar da redução do IPI, que poderia apresentar algum alento, o cenário é de contínua pressão altista, após recente alta nos preços de *commodities*.

A contínua pressão de alta inflacionária reforça a necessidade de se preocupar com uma alocação diversificada. O Fundo está com 0,82 PL equivalente aplicado em juro real, concentrado nas NTN-Bs de vencimento curto, posição que gerou maior ganho em fevereiro. Compõem também a carteira de renda fixa posições tomadas no juro nominal.

Na parte de moedas, o Fundo terminou o mês com aproximadamente 0,8% comprado em futuro de dólar x real e uma posição de 0,24 PL equivalente tomada no FRA de cupom cambial.

Em relação à renda variável, o Fundo está cerca de 4,3% comprado numa cesta de ações boas pagadoras de dividendos, 1,1% vendido em futuro de S&P, e as opções que protegem a carteira estão em cerca de 2,7%.

## Crédito

O fundo Vinci Crédito Estruturado Seleção apresentou uma rentabilidade de 0,87% em fevereiro, equivalente a 116% do CDI (acumulado de 129% CDI em 12M). A composição do portfólio continua bem diversificada, sendo uma combinação de cotas de FIDC indexadas ao CDI e operações de desconto de recebíveis da cadeia de fornecedores de grandes empresas com prazos curtos e natureza revolvente. Neste cenário de alta de juros, as operações de desconto de recebíveis e as demais cotas de FIDCs em carteira têm apresentado retornos crescentes, mantendo um padrão de risco baixo. Além disso, estamos com um *pipeline* interessante de cotas seniores de FIDCs de diferentes tipos de lastro e com classificações de baixo risco de crédito atribuídas por agências de *rating*, *duration* de baixa a moderada e taxas variando entre CDI + 3% e 5% a.a., que constituem boas oportunidades de investimento.

Em fevereiro, o principal contribuinte de performance do Fundo foi o FIDC Cadeia de Fornecedores.

No final de fevereiro, cerca de (i) 9% do Fundo estavam investidos no FIDC Cadeia de Fornecedores, que realiza o desconto de duplicatas performadas e confirmadas junto a empresas de grande porte e baixo risco de crédito; (ii) 25% investidos em um portfólio de cotas seniores de FIDCs abertos com prazo de resgate entre D+30 e D+90 e altos percentuais de subordinação; e (iii) os 55% remanescentes estavam alocados em um portfólio bem diversificado de cotas de FIDCs de diferentes tipos de lastros e senioridade na estrutura de capital, além de 11% em caixa e ativos de liquidez. Possuímos, atualmente, 48 diferentes emissores de FIDCs em carteira, representando, em média, 2% do PL.



ESTE RELATÓRIO DESTINA-SE EXCLUSIVAMENTE AO SEU DESTINATÁRIO E NÃO DEVE SER REPASSADO A TERCEIROS SEM O PRÉVIO E EXPRESSO CONSENTIMENTO DA VINCI PARTNERS OU QUALQUER UMA DE SUAS AFILIADAS ("Vinci"). O presente material tem caráter meramente informativo, não foi auditado e é para uso exclusivo de seu destinatário, cliente da Vinci. As informações contidas neste documento são confidenciais e não devem ser divulgadas a terceiros sem o prévio e expresso consentimento da Vinci. As informações contidas neste documento são materialmente precisas até a data a que o relatório se refere. Este material não pretende ser completo, nem a Vinci assume nenhum compromisso de atualizar as informações aqui contidas. Este documento constitui uma opinião dos analistas e gestores da Vinci, mas não deve ser interpretado como uma recomendação, legal ou de qualquer outra natureza, por parte da Vinci, e não leva em consideração a situação particular de qualquer pessoa. Quaisquer projeções, avaliações de conjuntura ou estimativas de mercado indicadas neste relatório são baseadas em certas premissas, refletem as visões dos analistas e gestores da Vinci e não foram verificadas de forma independente e, portanto, não devem ser interpretadas como um indicativo dos eventos reais que ocorrerão. Outros eventos que não foram levados em consideração podem ocorrer e exercer impacto significativo no mercado. Os analistas e gestores da Vinci usam informações de fontes conhecidas por sua confiabilidade e boa-fé, mas isto não representa nem endossa a precisão ou confiabilidade de nenhuma dessas informações e a Vinci não se responsabiliza pelo teor dessas informações. A utilização das informações aqui contidas se dará exclusivamente por conta e risco de seu usuário. Antes de tomar qualquer decisão acerca de seus investimentos, a Vinci recomenda ao interessado que consulte seu próprio assessor

## Ações

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci GAS Dividendos FIA	12,2503	1,27%	9,75%	6,73%	554.041.017	646.990.797,39	19/09/05	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci GAS Discovery FIA	428,7049	-0,33%	7,15%	1,16%	8.491.615	8.953.073,95	13/07/10	0,06%a.a.	não há	-
Vinci Mosaico Institucional FIA*	7,0886	-0,71%	6,55%	-1,09%	982.268.714	1.386.534.774,62	14/11/17	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Selection Equities FIA	282,3627	-0,48%	4,63%	-0,32%	558.102.149	581.402.454,38	01/11/12	1,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Fatorial Dinâmico FIA	2,6640	-0,87%	1,53%	2,89%	165.567.538	215.789.550,19	30/12/15	1,04%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Mosaico FIA*	7,0598	-0,80%	6,44%	-1,49%	169.682.924	287.009.845,66	14/11/17	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Seleção FIA	357,7164	1,40%	10,46%	6,32%	109.211.355	125.786.980,57	31/03/11	3,00%a.a.	não há	-
Vinci Selection Long Biased FIM	106,2512	0,73%	6,20%	4,92%	3.439.668	2.357.458,23	30/12/20	1,10%a.a.	20%	IPCA + YIELD IMA-B
Vinci Total Return FIC FIM	154,7722	-0,72%	5,27%	17,20%	272.196.527	197.002.347,57	27/12/19	1,55%a.a.	20%	IPCA + YIELD IMA-B

\*Este Fundo foi originado da cisão do Mosaico FIA (08.845.635/0001-00) ocorrida em 14/11/17. A rentabilidade anterior a esta data corresponde à rentabilidade do Fundo Mosaico FIA, com data de início em 12/07/2010.

## Multimercado

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Atlas FIC FIM	143,6049	0,51%	2,34%	-0,63%	430.985.887	510.703.132,46	08/08/16	2,00%a.a.	20%	CDI
Vinci Valorem FIM	241,7428	0,99%	1,75%	5,70%	2.393.648.437	2.784.711.049,12	21/08/12	1,00%a.a.	20%	IMAB-5
Vinci Internacional FIC FIM	275,9855	-3,76%	-11,46%	-5,70%	140.629.487	140.251.715,98	31/03/14	1,00%a.a.	10%	US TREASURY BILL 3M+2% a.
Vinci Selection FIC FIM	205,8721	0,33%	-0,29%	3,94%	97.618.716	101.498.848,99	31/10/12	1,00%a.a.	10%	CDI
Vinci Multiestratégia FIM	251,1390	0,83%	1,73%	4,52%	564.316.020	939.056.633,78	31/03/11	1,00%a.a.	20%	CDI
Vinci Retorno Real FIM	111,5143	0,95%	2,22%	5,23%	140.127.663	121.154.465,22	30/12/20	2,00%a.a.	20%	IMAB

## Previdência

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Equilíbrio Icatu Previdência FIC FIM	189,9877	0,99%	1,65%	5,55%	85.554.141	82.271.025,38	30/12/14	2,00%a.a.	não há	-
Vinci Equilíbrio Icatu Previdência FIC FIM II	1,6185	1,00%	1,65%	5,58%	418.142.425	436.719.446,54	11/04/16	2,00%a.a.	não há	-

## Crédito

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Crédito Estruturado Multiestratégia Plus FIC FIM - CP**	198,4804	0,91%	1,53%	8,58%	89.888.883	67.593.192,45	08/09/14	1,25%a.a.	20%	100% CDI
Vinci Crédito Estruturado Seleção FIC**	174,0123	0,87%	1,75%	7,26%	136.444.742	118.092.806,13	18/06/15	1,20%a.a.	20%	100% CDI
Vinci Crédito Estruturado Selection Advisory FI FIM**	174,0980	0,87%	1,75%	7,27%	82.956.863	88.141.417,14	17/06/15	1,20%a.a.	20%	100% CDI

\*\* Rentabilidades dos fundos em relação ao %CDI.

## Índices

Índice	% mês	% ano	% 12 meses
CDI	0,75%	1,49%	5,65%
Ibovespa (R\$)	0,89%	7,94%	2,82%
IMA-B	0,54%	-0,19%	0,92%
Dólar (PTAX)	-4,07%	-7,90%	-7,07%

Administrador: BEM DTVM Ltda. (desde 17/05/10 para os fundos Vinci GAS Lotus, Vinci GAS Dividendos e Vinci GAS Flash) \* Gestora Fundos de Ações: Vinci Equities Gestora de Recursos Ltda. (desde 26/04/10 para os fundos Vinci GAS Lotus, Vinci GAS Dividendos e Vinci GAS Flash) \* Todos os Fundos destinam-se a investidores qualificados, com exceção dos fundos Vinci GAS Flash, Vinci Gas Didividendos, Vinci Selection Equities e Vinci Fatorial Dinâmico que destinam-se a investidores em geral e do fundo Vinci Gas Valor SMLL que destina-se a entes públicos. \* O Vinci GAS Lotus, Vinci Mosaico e Vinci GAS Dividendos possuem taxa de saída de 5% sobre o valor do resgate para cotistas que não quiserem cumprir o prazo de 30 dias para cotização do resgate.

O presente documento tem caráter meramente informativo e é para uso exclusivo de seu destinatário. As informações contidas neste documento são confidenciais e não devem ser divulgadas a terceiros sem o prévio e expresso consentimento da Vinci Partners ou qualquer uma de suas afiliadas ("Vinci"). Este relatório não constitui o extrato mensal oficial de seus investimentos no fundo de investimento a que se refere ("Fundo"). No caso de divergência entre as informações contidas neste relatório e aquelas contidas no extrato mensal emitido pelo administrador do Fundo, as informações contidas no referido extrato mensal prevalecerão sobre as informações deste relatório. As eventuais divergências podem ocorrer devido à adoção de métodos diversos de cálculo e apresentação. O valor do patrimônio líquido de cada fundo contido neste relatório é líquido das despesas do fundo (i.e. honorários, comissões e impostos). A rentabilidade do fundo divulgada neste relatório não é líquida de impostos e nem de taxa de saída. Os valores ora atribuídos aos ativos do fundo são estimados de acordo com a precificação realizada pelo administrador. Os preços ora utilizados são, no mínimo, do dia anterior e não representam valores atualizados de mercado. Para avaliação da performance de quaisquer fundos de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Os fundos das classes "ações" e "multimercado com renda variável" podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração, falência e recuperação judicial ou extrajudicial dos emissores responsáveis pelos ativos do fundo. As comparações a certos índices de mercado foram incluídas para referência apenas e não representam garantia de retorno pela Vinci. Os resultados obtidos no passado não representam garantia de resultados futuros e não contam com garantia da Vinci, de qualquer de suas afiliadas, do administrador, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Para fundos que perseguem a manutenção de uma carteira de longo prazo, não há garantia de que o fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. A partir de 02/05/2008, todos os fundos de investimento que utilizam ativos de renda variável em suas carteiras deixam de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passam a fazê-lo com base na cotação de fechamento destes ativos. Desta forma comparações de rentabilidade destes fundos com índices de ações devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média destes índices e, para períodos posteriores a esta data, a cotação de fechamento. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento do Fundo, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, ao aplicar seus recursos. Investimentos implicam na exposição a riscos, inclusive na possibilidade de perda total do investimento. Ouvidoria - De segunda a sexta-feira, exceto feriados, das 8h às 18h (horário de Brasília): 0800-725-5512, ouvidoria@vincipartners.com

## Relacionamento com Cliente

Alocadores e Distribuidores

### Rio de Janeiro

Ronaldo Boruchovitch  
21 2159-6271  
rboruchovitch@vincipartners.com

### São Paulo

Felipe Abenza  
11 3572-3972  
fabenza@vincipartners.com

Carolina Melchert  
11 3572-3974  
cmelchert@vincipartners.com

Clientes Institucionais

### São Paulo

Marcelo Rabbat  
11 3572-3775  
mrabbat@vincipartners.com

Alexandre Damasceno  
11 3572-3778  
adamasceno@vincipartners.com

Alessandro Meneghel  
11 3572-3772  
ameneghel@vincipartners.com

Marcelo Gengo  
11 3572-3774  
mgengo@vincipartners.com

Amanda Azevedo  
11 3572-3777  
aazevedo@vincipartners.com

Rafael Bordim  
11 3572-3779  
rbordim@vincipartners.com

Empresas

### São Paulo

Daniel Figueiredo  
11 3572-3771  
dfigueiredo@vincipartners.com

Investidores Individuais

### Rio de Janeiro

Mariano Figueiredo  
21 2159-6180  
mfigueiredo@vincipartners.com

Leticia Costa  
21 2159-6101  
lcosta@vincipartners.com

Caroline Pacheco  
21 2159-6104  
cpacheco@vincipartners.com

### São Paulo

Natalia Aguiar  
11 3572-3858  
naguiar@vincipartners.com

Olavo Tortelli  
11 3572-3737  
otortelli@vincipartners.com

### Ribeirão Preto

Mariana Biagi  
16 2101-4641  
mbiagi@vincipartners.com